

Aula 2

OS ENFOQUES DA GEOGRAFIA DA PRODUÇÃO, DO CONSUMO E DA CIRCULAÇÃO

META

Entender os três enfoques da geografia da produção, do consumo e da circulação.

OBJETIVOS

Entender as principais características dos enfoques históricos da geografia da produção, do consumo e da circulação

PRÉ-REQUISITOS

Aula anterior e aulas das Disciplinas anteriores da área de Geografia Humana e Econômica.

José Wellington Carvalho Vilar

INTRODUÇÃO

Grosso modo, a História do Pensamento Geográfico pode ser dividida em três momentos históricos que correspondem basicamente a três maneiras de entender e praticar a ciência geográfica: 1. Geografia como ciência de interação entre o meio físico e as atividades humanas; 2. Geografia como ciência da localização e distribuição dos fenômenos sobre o espaço; 3. Geografia como ciência da construção e da organização e da desorganização social e política do espaço. A interação entre o espaço e o sistema econômico, seja na produção, na circulação ou no consumo, também passou por três grandes fases em seu desenvolvimento histórico, apresentando fundamentalmente três paradigmas ou projetos científicos: 1. O projeto ambiental atento a influência que o meio exerce na produção; 2. O projeto locacional em sua busca pelas leis científicas que regem a organização do espaço geográfico; 3. O projeto estrutural que analisa as estratégias espaciais do capitalismo no processo de globalização e seus matizes relacionados às peculiaridades políticas, sociais e culturais da escala local. A divisão do texto para a presente aula respeita essa ordem de idéias, seja pelo seu caráter didático da sua estrutura, seja por certa ordem cronológica que apresenta.

O objetivo da presente aula é discutir os principais aspectos dessas três vertentes na perspectiva de contextualizar as idéias apresentadas e entender as mudanças históricas da geografia da produção, da circulação e do consumo.

Vale destacar que o presente texto foi redigido considerando a obra do geógrafo espanhol José Luís SANCHEZ HERNÁNDEZ (2003), da Universidade de Salamanca, adaptada à realidade da geografia brasileira como um todo e dos estudos sergipanos em particular. Utilizou-se aqui o recurso de comentários da obra, da tradução livre e do uso de referências brasileiras para contextualizar mais adequadamente as formas de pensamento, além da utilização de figuras para ilustrar e sintetizar as principais idéias discutidas.

O PROJETO AMBIENTAL DA GEOGRAFIA DA PRODUÇÃO, DO CONSUMO E DA CIRCULAÇÃO

O projeto ambiental se constituiu como núcleo fundamental da Geografia desde a sua origem como disciplina científica no século XIX até pouco depois da segunda Guerra Mundial. Durante essa etapa, a geografia dará prioridade ao papel que desempenha os recursos naturais no desenvolvimento econômico dos territórios e das sociedades do mundo.

A origem da geografia da produção, do consumo e da circulação está associada à geografia do comércio. Com efeito, o primeiro livro que repercutiu na geografia econômica foi Handbook of Commercial Geography de

George Chisholm, publicado originalmente em 1889, com muitas reedições até a década de 1960, que representa bem a obsessão pela exatidão estatística e enciclopédica e que inicia o longo caminho de uma geografia preocupada com as cifras da produção, e para tanto se utiliza de um abundante e prolixo aparato de dados estatísticos e descritivos.

Na verdade, nesse momento se constata o predomínio de uma visão fortemente física, que concebe a produção como o resultado da ação humana que busca na natureza os meios necessários para a satisfação de suas necessidades. O foco da análise geográfica está centrado na produção e muito pouco na circulação e menos ainda no consumo. Mas o interesse não é para todo tipo de produção, e sim para aquela orientada para a obtenção de bens materiais, ou seja, para o que os economistas clássicos denominaram de fator Terra, com prioridade para as atividades agrárias e extrativas. Ademais, atribui-se à natureza um excessivo poder explicativo sobre as causas da riqueza das nações, registra-se um excessivo interesse no ranking da produção regional e um desinteresse pela construção de um edifício teórico sólido, por isso esse momento histórico foi muito criticado pelos próprios geógrafos e visto com desconfiança e descrédito por parte de outros cientistas sociais.

Esse momento da geografia da produção econômica apresenta três enfoques com características bem definidas: preocupação com as atividades produtivas, foco nos produtos e ênfase nas regiões e nas paisagens econômicas. A figura 1 ilustra graficamente os principais elementos desse momento ambientalista da geografia da produção econômica.

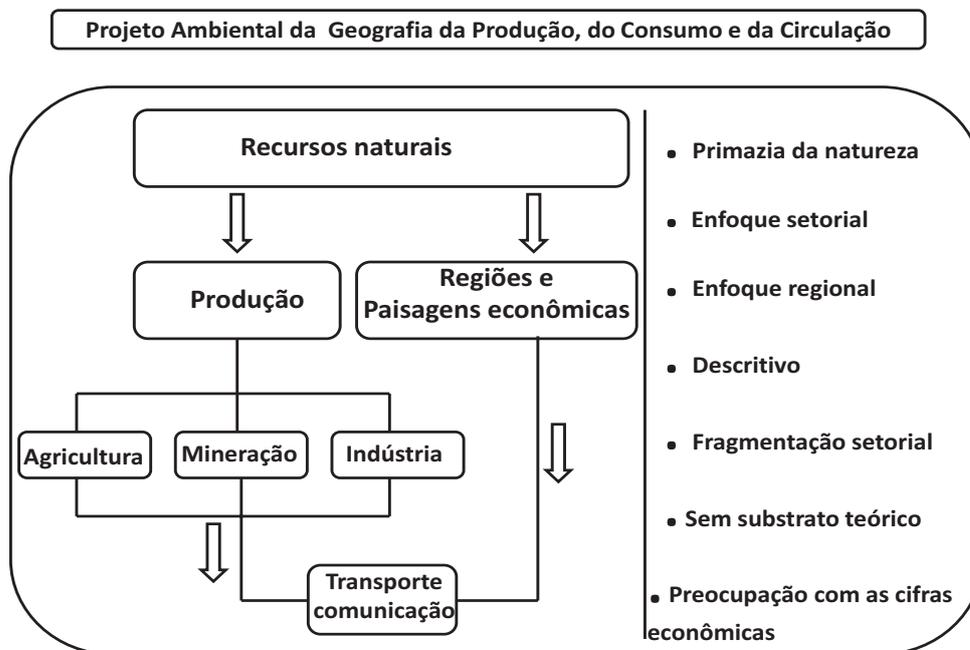


Figura 1. Projeto Ambiental da Geografia da produção, do consumo e da circulação. (Fonte: SÁNCHEZ HERNANDEZ, 2003). (Modificado)
Organização: José Wellington Carvalho Vilar.

No Brasil, o que se convencionou definir como geografia tradicional foi fortemente influenciada pela matriz francesa e pela descrição da paisagem que pode ser sintetizada em livros como *Brasil, a Terra e o Homem*, organizado por Aroldo de Azevedo, e *a Terra e o Homem no Nordeste* de autoria do geógrafo pernambucano Manuel Correia de Andrade. Esses estudos são verdadeiros clássicos da geografia que destacaram a forma como a sociedade brasileira em geral e a nordestina em particular obtiveram seu sustento material e também se preocuparam com o papel dos recursos naturais no processo de crescimento econômico e construção do país.

Nas últimas décadas, a preocupação ambiental assumiu novos contornos e se registra um forte interesse pelas conseqüências destrutivas da pressão humana sobre os recursos. Uma série de eventos, documentos, acordos e tratados internacionais contribuíram para a incorporação da dimensão ambiental nas políticas públicas e para deixar clara a necessidade de proteger e usar de maneira sustentável os recursos naturais. Aqui não será analisado esse desmembramento do projeto ambiental inicial em função da sua relação mais direta com outras disciplinas do curso de Licenciatura em Geografia e de sua abordagem diluída ao longo de algumas aulas do presente curso.

PROJETO LOCACIONAL DA GEOGRAFIA DA PRODUÇÃO, DO CONSUMO E DA CIRCULAÇÃO

O projeto locacional ou, em outras palavras, com foco na localização geográfica e no desenvolvimento, o segundo paradigma aqui estudado, é construído a partir de pressupostos bastante diferentes da abordagem ambiental. O surgimento desse projeto está associado às novas características do espaço geográfico, agora produzido com mais força pela industrialização e pela urbanização. Se o período anterior foi dominado por um mundo ainda rural e agrícola, agora as forças motoras das mudanças territoriais estão na cidade e na indústria. Sua predominância histórica se estende, grosso modo, da década de cinquenta até os anos setenta.

O projeto locacional apresenta as seguintes características gerais:

- a) O estudo da localização da agricultura, da indústria e do comércio e de suas pautas setoriais de distribuição espacial se converte em objetivo preferencial;
- b) A atividade econômica é concebida como um sistema espacial, mas com a redução do conceito de espaço à simples noção de distância o que implica na incorporação dos famosos custos de transporte;
- c) O conceito de região econômica e funcional toma força como objeto de análise diferenciado e a discussão sobre pólos de crescimento e desenvolvi-

mento ganham relevância permitindo o trabalho de geógrafos nas esferas do planejamento e do ordenamento territorial rural, urbano e regional.

d) As argumentações se enriquecem com a incorporação de formulações positivistas baseadas em métodos quantitativos;

e) As leis espaciais, bases para os estudos empíricos, devem buscar as regularidades das atividades econômicas;

f) As metodologias indutivas não devem impedir a aplicação crescente de metodologias hipotético-dedutivas, baseadas na aplicação de modelos geométricos ou matemáticos, ou seja, de representações estruturadas, precisas e simplificadas de situações reais mais complexas;

g) O edifício teórico se fundamenta na teoria dos sistemas como guia para o delineamento de problemas, para a construção de modelos, comprovação empírica e formulação de explicações;

h) Verifica-se um predomínio da idéia de espaço isotrópico, ou seja, uma superfície plana perfeita, homogênea e indiferenciada, ou seja, inexistente no mundo real;

i) As teorias de localização baseiam-se na idéia do Homo economicus que se comporta segundo os princípios da racionalidade econômica, um perfeito tomador de decisões que tampouco existe no mundo real.

Na geografia locacional da produção do consumo e da circulação aparecem novos temas de análise pouco ou não considerados pelo projeto ambiental anterior, tais como: custos de produção, políticas de preços, mobilidade e custos dos fatores de produção, influência das economias de escala externas e internas a atividade financeira e, mais freqüentemente, o planejamento regional, nacional e setorial e as questões associadas ao desenvolvimento. A figura 2 sintetiza visualmente esses elementos aqui descritos.

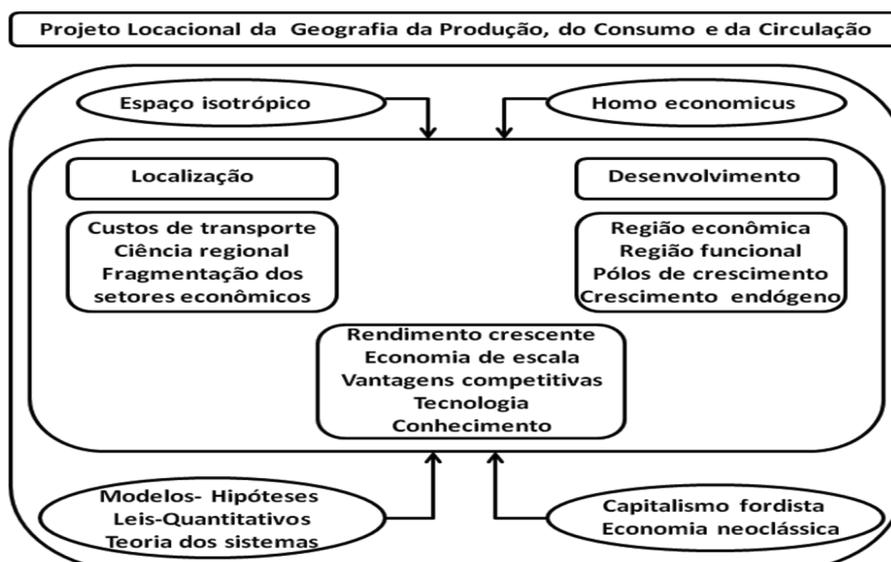


Figura 2. Projeto Locacional da Geografia da produção, do consumo e da circulação. (Fonte: SÁNCHEZ HERNANDEZ, 2003). (Modificado).

Organização: José Wellington Carvalho Vilar.

O projeto locacional demonstra o rigor científico frente à tradição descritiva e enumerativa do primeiro projeto ambiental. Em contrapartida, o projeto locacional está firmemente arraigado na economia de mercado e na busca do lucro e dos benefícios econômicos. Esse compromisso parece renunciar à crítica do sistema capitalista e ao mesmo tempo parece recuar frente a análises mais profundas e delicadas de questões como desigualdades sociais e territoriais, concentração da terra e da renda e sobre aspectos mais subjetivos e culturais que de uma maneira ou outra interferem nos interesses individuais. A análise da questão da pobreza, principalmente nos chamados “países subdesenvolvidos” e no então denominado “Terceiro Mundo”, tampouco foi investigada com a devida profundidade no projeto locacional de geografia da produção, da circulação e do consumo. Essas limitações abrem espaço para novas abordagens na geografia.

PROJETO ESTRUTURAL DA GEOGRAFIA DA PRODUÇÃO, DO CONSUMO E DA CIRCULAÇÃO

De maneira geral, o terceiro projeto científico da geografia da produção, da circulação e do consumo pode ser definido como o estudo da lógica espacial do capitalismo. Este projeto pretende discutir as formas através das quais este sistema de organização política da atividade econômica utiliza o espaço geográfico (diferenciado e heterogêneo) para alcançar seu objetivo de acumulação, que implica num processo de distintas modalidades de resposta e adaptação territorial (local, regional, nacional, internacional e global) aos desafios que coloca a indissociável articulação entre localização e acumulação. Na verdade, duas vertentes se desdobram dessa temática maior: o estudo espacial das estruturas do sistema capitalista e a investigação da influência que o contexto ou entorno geográfico exerce no funcionamento do sistema.

Embora alguns autores possam advogar pelo aparente caos de conteúdos estudados pelo projeto estrutural e pelo seu laxismo, verifica-se uma coerência e uma pluralidade das linhas de pesquisa. O quadro 1 indica os quatro principais enfoques da vertente estrutural, seus respectivos temas e as escalas geográficas mais utilizadas. Observa-se um interesse preferencial pelos fatores produtivos, pelos agentes e processos que permitem a reprodução do capitalismo e pelas forças que movem a economia e a diferenciação espacial. A abordagem agora é reticular que diferencia territórios conectados entre si por redes de fluxos materiais e imateriais que respeitam a trama do capitalismo global a partir das singularidades locais. Há uma preocupação com os momentos do ciclo do capital (produção, circulação e consumo) e o esforço de produção intelectual se centra na tecnologia e no

trabalho, além do papel do estado como regulador e principal responsável pela construção de infra-estrutura territorial. Reforça-se a idéia segundo a qual a produção e a regulação carecem de sentido à margem da circulação e, principalmente, do consumo, objetivo último da atividade econômica. Novas questões geográficas surgem: o estudo do fluxo de capital financeiro, a questão das telecomunicações, do ciberespaço e do consumo, que permanece ainda pouco estudado, algo paradoxal já que a finalidade da atividade econômica é a satisfação das necessidades humanas, reais e ou fictícias.

Enfoque	Temas Principais de Pesquisa	Escalas Geográficas Preferenciais
Economia Política	<ul style="list-style-type: none"> ● Desigualdade social e territorial ● Cidade ● Desindustrialização ● Mercado de trabalho ● Globalização: integração e exclusão 	<ul style="list-style-type: none"> ● Multiescalar ● Local ● Regional ● Regional ● Mundial
Regulação e pós-fordismo	<ul style="list-style-type: none"> ● Etapas do desenvolvimento capitalista ● Relação entre produção e organização sócio-política ● Papel econômico do Estado ● Organização industrial: Novos espaços industriais ● Novas tecnologias e organização do trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> ● Internacional ● Nacional ● Internacional e nacional ● Regional-local ● Regional-local
Instituições, redes e economia associativa	<ul style="list-style-type: none"> ● Redes de agentes econômicos e aprendizagem coletiva ● Espaços inovadores ● Sistemas de inovação ● Políticas de desenvolvimento econômico 	<ul style="list-style-type: none"> ● Nacional- Regional-local ● Regional-local ● Nacional-Regional ● Regional
Pós-estruturalismo e “Virada cultural”	<ul style="list-style-type: none"> ● Constituição cultural dos mercados (Tecnologia, consumo, finanças...) ● Redes corporativas e culturas empresariais ● Novas formas de consumo ● Gênero, etnia, classe social e atividade econômica 	<ul style="list-style-type: none"> ● Predomínio de escalas local e regional, com estudos de âmbito nacional e comparações entre grandes âmbitos culturais mundiais

Quadro 1. O projeto estrutural: Síntese temática e territorial.
(Fonte: SÁNCHEZ HERNANDEZ, 2003) (Modificado).
Organização: José Wellington Carvalho Vilar.

A figura 3 esquematiza os principais aspectos do projeto estrutural, enfatizando o papel da globalização e da formação dos blocos regionais, a ação reguladora do Estado no ciclo do capital, a necessidade de desenvolvimento local e endógeno e a dinâmica territorial recente dos países emergentes. O tripé trabalho, tecnologia e empresa “conectados e azeitados” pela inovação assumem um lugar ativo no mundo da produção, agora mais próxima da circulação e do consumo, adquirindo assim uma multidimensionalidade territorial e uma complexidade geográfica ímpar, sem comparação na história humana. Há uma preocupação tanto com a crise da cidade industrial e com as metrópoles quanto com o mundo rural, bastante modificado e conectado com o espaço urbano a ponto de se falar em rurbanização. Na geografia

atual é nítida a postura crítica à dualidade clássica, típica de projeto ambiental, que concebe o espaço territorial pela contraposição entre o campo e a cidade. Hoje mais do que nunca, campo e cidade são espaços que fazem parte de uma realidade territorial em forte sintonia.

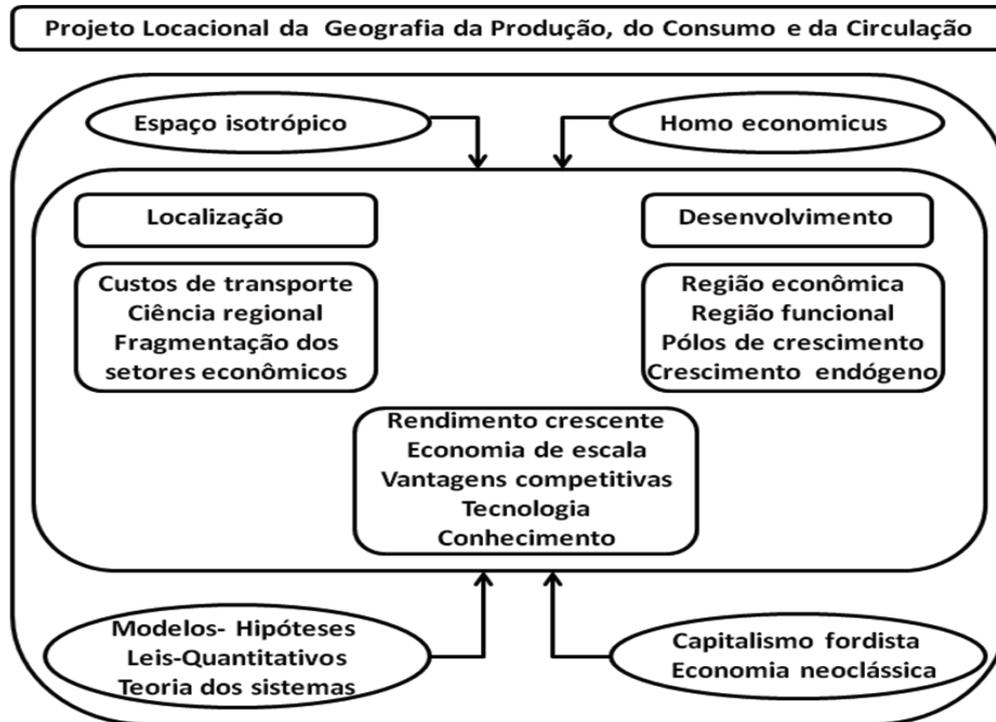


Figura 3. Projeto Estrutural da Geografia da produção, do consumo e da circulação.
(Fonte: SÁNCHEZ HERNANDEZ, 2003). (Modificado).
Organização: José Wellington Carvalho Vilar.

A VISÃO ECONÔMICA, A NOÇÃO DE ESPAÇO E O PAPEL DO ESTADO NOS TRÊS PROJETOS CIENTÍFICOS ESTUDADOS

O quadro 2 sintetiza as principais questões acerca da economia, da noção de espaço e do papel do Estado nos três projetos científicos da geografia aqui discutidos. Enquanto a visão econômica do projeto ambiental é fundamentalmente produtiva, na perspectiva estrutural predominam aspectos associados à organização ou a desorganização econômica. Por sua vez, o espaço é concebido desde um conjunto de recursos naturais, passando por uma superfície isotrópica indiferenciada, até a noção de palco de desigualdades do projeto estrutural. Já o Estado parece assumir certa neutralidade na geografia ambiental, e incorpora a idéia de agente externo ao sistema espacial no projeto locacional e, por último, de agente fundamentalmente estratégico, porque político e socialmente ativo.

Projeto	Economia	Espaço	Estado
Ambiental I	Produção	Natureza; espaço dos recursos	Indiferente
Ambiental II	Pressão sobre os recursos	Natureza ameaçada	Comprometido
Locacional	Localização e desenvolvimento	Indiferenciado: superfície dos custos	Agente externo
Estrutural	(Des) Organização	Território social: rede de relações. Desigualdades sociais e territoriais	Agente estratégico fundamental

Quadro 2. Síntese das abordagens da Geografia da produção, do consumo e da circulação.

(Fonte: SÁNCHEZ HERNANDEZ, 2003) (Modificado)

Organização: José Wellington Carvalho Vilar.

CONCLUSÃO

A trajetória dos paradigmas ou projetos científicos da geografia da produção, da circulação e do consumo transitou do material ao imaterial, do estático ao dinâmico, transformando e diversificando muito a temática tratada por nossa disciplina. De uma perspectiva paisagística e descritiva se passa para uma visão regional centrada na localização da produção, no planejamento e no ordenamento territorial. Nas últimas décadas, a informação e o desenvolvimento científico e tecnológico convidam para uma análise territorial dos movimentos, dos processos, dos fluxos e das redes.

Em todo o caso, as abordagens aqui apresentadas contribuíram para a montagem do edifício do que hoje conhecemos como geografia da produção da circulação e do consumo ou, se não formos muito exigentes, da geografia econômica. Essas abordagens são ricas e devem ser interpretadas de acordo com o momento histórico de surgimento e conforme as bases filosóficas e epistemológicas de onde surgiram. A visão crítica da trajetória dos projetos científicos, seja em sua base intelectual ou em sua aplicabilidade, permite avaliar os avanços e os desafios da nossa disciplina na interpretação territorial do mundo e continuar crescendo enquanto proposta analítica do espaço humano.

Hoje com a vigência do que se convencionou denominar de “virada cultural” (cultural turn dos estudos anglo-saxões), incorporam-se aos temas do ciclo do capital algumas questões impensadas há algumas décadas atrás, tais como: gênero, etnia, identidade territorial, centralidade do poder e a construção e desconstrução de discursos. Novos caminhos são abertos para uma ciência sempre em construção.



RESUMO

A interação entre o espaço e o sistema econômico, seja na produção, na circulação ou no consumo, passou por três grandes fases em seu desenvolvimento histórico, apresentando fundamentalmente três paradigmas ou projetos científicos na geografia: 1. O projeto ambiental atento a influência que o meio exerce na produção; 2. O projeto locacional em sua busca pelas leis científicas que regem a organização do espaço geográfico; 3. O projeto estrutural que analisa as estratégias espaciais do capitalismo no processo de globalização e seus matizes relacionados às peculiaridades políticas, sociais e culturais da escala local.

O projeto ambiental apresenta uma visão fortemente física e três enfoques com características bem definidas: preocupação com as atividades produtivas, foco nos produtos, e ênfase nas regiões e nas paisagens econômicas. Por sua vez, o projeto locacional está centrado na localização geográfica das unidades de produção e no desenvolvimento regional. Por último, o projeto estrutural pode ser definido como o estudo da lógica espacial do capitalismo. Este projeto pretende discutir as formas através das quais este sistema de organização política da atividade econômica utiliza o espaço geográfico para alcançar seu objetivo de acumulação, que implica num processo de distintas modalidades de resposta e adaptação territorial aos desafios que coloca a indissociável articulação entre localização e acumulação de capital.

A discussão sobre os paradigmas existentes na História do Pensamento Geográfico como um todo e nas disciplinas econômicas em particular tem a vantagem de apresentar a trajetória temática e discutir as abordagens utilizadas pela comunidade de geógrafos desde a sistematização inicial no século XIX até o momento atual. Essa trajetória indica uma riqueza de temas e de abordagens que são reflexos do momento histórico e das escolhas da comunidade geográfica. A visão geográfica aberta pela análise da produção, da circulação e do consumo deve conceber o espaço como uma categoria em mutação, como algo heterogêneo, desigual e funcional, em permanente construção, fruto da história e articulado, hoje, pelas redes de fluxos materiais e imateriais.



ATIVIDADES

Ao final da aula, o aluno deve escrever um texto de no mínimo dez e de no máximo vinte linhas sobre um das três figuras apresentadas, comentando as principais idéias de uma das correntes estudadas.

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

O texto da atividade deve focar os principais elementos que caracterizam um dos três enfoques da geografia da produção, do consumo e da circulação.



AUTO AVALIAÇÃO

Após estudar o conteúdo da aula será que consigo entender as características principais dos três enfoques básicos da geografia da produção, da circulação e do consumo? Na sua avaliação, qual a corrente mais representativa? Justifique com argumentos precisos. É possível pensar em tendências da geografia do ciclo do capital?



PRÓXIMA AULA

Fases da configuração territorial dos sistemas industriais

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. **Geografia econômica**. 12 ed. São Paulo: Atlas, 1998.
BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
SÁNCHEZ HERNANDEZ, J. L. **Naturaleza, localización y sociedad**. Salamanca: Ediciones de la Universidad de Salamanca, 2003.